

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ANÁLIA VANESSA MACHADO DA CONCEIÇÃO

**POR UMA NOVA IDADE MÉDIA:
TENDÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DA
CATEGORIA GÊNERO NA MEDIEVALÍSTICA BRASILEIRA**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2020**

ANÁLIA VANESSA MACHADO DA CONCEIÇÃO

**POR UMA NOVA IDADE MÉDIA:
TENDÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DA
CATEGORIA GÊNERO NA MEDIEVALÍSTICA BRASILEIRA**

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro.

Coorientador: Prof. Msc. Rafael Costa Prata.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2020

Agradecimentos

Em primeiro lugar queria agradecer a Deus, sem ele nada eu seria, pois me deu força e coragem e foi meu maior socorro nas horas de angustia.

Aos meus pais que são minha base e força. Minha mãe, Maria Aparecida, Mainha que cujo palavras jamais serão suficientes para agradecer toda força e apoio em todos os momentos da minha vida, obrigada por sempre acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. Meu pai, José, pelo apoio, pelas conversas sobre história e sobre a vida e que sempre se orgulhou de falar da filha que para ele é muito inteligente. Amo vocês.

Ao meu orientador, Bruno Alvaro, que foi quem me guiou no caminho acadêmico por esses anos, por partilhar seus conhecimentos e também ser sempre tão humano e sensível.

Ao meu coorientador, Rafael Prata, que além de me orientador é um amigo querido, minha gratidão por ter pego na minha mão nos momentos em que tanto precisei, por tanta dedicação e carinho.

Ao meu sobrinho de coração, Miguel, que em seus poucos anos de vida em ensinou tanto, obrigada por amar essa tia e ensinar a ela a ter mais paciência e compaixão.

Aos meus amigos Marcel e Wesley, que me conhecem como ninguém e que apesar da correria da vida e dos caminhos diferentes sempre tiveram um tempinho para mim. A Dayene por ser uma amiga que nunca me abandonou, que mesmo distante sempre está perto.

As meninas da F-25 Bruna, Jhully, Samara, Vitória, Dane (te considero de casa), vocês foram presentes em meio à turbulência que é a vida acadêmica, minha família no Rosa Elze e minhas amigas da vida, cada uma especial do seu jeito de ser.

Aos colegas de turma e aos colegas do grupo de pesquisa Dominium, obrigada pelas trocas de conhecimento e de vida, pela força nos momentos de dificuldade no mundo acadêmico.

A todos os professores, por todo os conselhos e ajuda durante os meus estudos e a todos que torceram por mim de alguma forma e que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa.

POR UMA NOVA IDADE MÉDIA: TENDÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DA CATEGORIA GÊNERO NA MEDIEVALÍSTICA BRASILEIRA

Anália Vanessa Machado
da Conceição¹

RESUMO: Em nosso artigo científico, pretendemos efetuar uma sucinta reflexão em torno das abordagens historiográficas efetuadas no âmbito da Medievalística Brasileira, as quais se encontram ancoradas na categoria gênero, procurando problematizar os caminhos suficientemente percorridos e as principais tendências e possibilidades de aplicações a serem amplamente desenvolvidas nas veredas dos estudos medievais brasileiros nos anos vindouros. Efetuamos esta acurada análise da trajetória dos estudos de gênero a fim de contemplarmos as abordagens historiográficas destinadas as problematizações das “Masculinidades” durante a Idade Média. Com estas questões em mente, perguntamo-nos: Qual o modelo de “Masculinidade” ideal vigente no Medievo?

Palavras chave: Idade Média; Gênero; Masculinidades.

RESUMEN: En nuestro artículo científico, pretendemos realizar una breve reflexión sobre los enfoques historiográficos realizados en el ámbito de la medievalística brasileña, que se anclan en la categoría de género, buscando problematizar los caminos suficientemente transitados y las principales tendencias y posibilidades de aplicaciones para ser ampliamente utilizadas desarrolladas en los caminos de los estudios medievales brasileños en los años venideros. Este esmerado análisis de la trayectoria de los estudios de género lo realizamos para contemplar enfoques historiográficos orientados a problematizar las “masculinidades” durante la Edad Media. Con estas preguntas en mente, nos preguntamos: ¿Cuál es el modelo ideal de “masculinidad” vigente en la Edad Media?

Palabras llave: Edad Media; Género; Masculinidades.

¹ Graduanda em História na Universidade Federal de Sergipe (DHI/UFS). Integrante do *Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais* (DHI/UFS).

1. INTRODUÇÃO:

A pesquisa de gênero tem se apresentado como um fio condutor teórico-metodológico, que tem recebido grande respaldo em todas as ciências humanas. Muitos historiadores do conhecimento e também pesquisadores de outros ramos tentam usar os conceitos e reflexões dos estudos de gênero para se referir a termos culturais, sociais, econômicas e políticas. Dividido biologicamente em “masculino” e “feminino”. Alguns historiadores rapidamente perceberam a importância do conceito de gênero na luta contra o determinismo biológico por isso, propuseram o uso da invariância de gênero no campo da história.

A primeira geração de estudos que vem atrelados a primeira onda e a ascensão do movimento feminista, oriundos do movimento sufragista que se iniciou no século XIX cujo objetivo era luta das mulheres pela igualdade em direitos civis, políticos e educacionais. Nesta fase de ascensão do feminismo, a participação na política (organizada na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha) é de fundamental importância. O objetivo do movimento feminista naquela época era eliminar a discriminação contra as mulheres e proteger os direitos, incluindo o direito de voto.

Na segunda onda feminista a maior diferenciação que a mulher se torna um sujeito ativo, isso ocorre principalmente com o pós guerra — ela precisa quebrar as condições de dominação masculina. Se destaca Simone de Beauvoir autora do livro *O segundo sexo* (1949). Simone explica que tudo aquilo que se construiu como referencial de sexo deu-se a partir do ponto de vista masculino e que a mulher sempre estava em segundo plano.

No que se refere ao Brasil ocorreu a introdução dos estudos de gênero nas áreas de história e sociologia somente a partir dos anos 1990 entrando na “terceira onda” feminista, por isso é bastante comum que a maioria dos estudos aqui produzidos tenha e tem ainda hoje a grande influência dos trabalhos de Joan Scott que ao publicar, em 1986, um ensaio na *American Historical Review* intitulado “Gênero: uma categoria útil de análise” (traduzido para o português primeiramente em 1990, depois em 1995). Nesse trabalho, Scott define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Temos um significativo crescimento a partir do ano 2000 voltado na Idade Média, com isso podemos observar um casamento feito com um ramo historiográfico que também estava imergindo no momento a Micro-História, então estes estudos vão ter como objetivo analisar diversas indagações referentes à vida dos personagens históricos medievais, estudos referentes ao papel da mulher na sociedade, o casamento, a sexualidade, a identidade de gênero e também os personagens que vão contra a natureza normativa da época.

Esta pagina em branco que começa a ser preenchida nos estudos de gênero ainda está longe de ser completada, mais com os estudos feministas tem a oportunidade e o espaço de se começar a trilhar o caminho no que tange as pesquisas sobre masculinidade, que apesar de os homens terem ganhado sempre destaque como personagens principais nas narrativas temos esta carência nos estudos relacionados ao homem como análise de gênero.

Podemos destacar o sociólogo português Miguel Vale de Almeida um estudioso da masculinidade diz ele: “Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres” (ALMEIDA,1996, s/p), o autor em vários momentos vai afirmar a sua teoria de que a sociedade criou uma expectativa de bravura sempre direcionada ao homem, com isso podemos observar em como esta masculinidade vigente e muitas vezes imposta que conhecemos bem sendo repassada por gerações e construída que chegamos até nosso objeto de estudo que é a masculinidade dita “ideal” na Idade Média.

Enfim, esta pesquisa em pleno desenvolvimento, se utilizará especialmente desta crónica castelhana-leonesa, como um estudo de caso discursivo, a fim de entender este amplo conjunto de masculinidades construídas, partindo então do seguinte questionamento basilar: O modelo/arquétipo de “masculinidade ideal” na Idade Média. E a partir das seguintes perguntas que podemos afirmar ser primordiais para esta pesquisa: Existe um homem ideal na Idade Média? Quem era ele?

2. GÊNERO, HISTÓRIA E MEDIEVALÍSTICA

O tempo e o espaço que estudamos são chamados de Idade Média, e sua principal característica é a sociedade senhorial, que se caracteriza pela estrutura política e social, principalmente o patriarcado. Claro, eles forneceram grandes ancestrais para indivíduos que foram adaptados ao modelo compartilhado de "masculinidade ideal" durante aquele período.

Se uma elaboração narrativa sobre gênero é observada no período medieval, por um lado, temos a imagem da mulher como alguém que naturalmente deveria se comportar de forma submissa ao homem, e por outro, da interpretação de tudo que não era condizente com esses padrões de masculinidades, como os comportamentos contra a natureza, ou seja, como comportamentos pecaminosos que violavam a ordem divina pré-estabelecida e que, ao serem praticados, causariam, conseqüentemente, inúmeros males ao corpo social afetado por tais práticas.

A partir dos anos 1990 medievalistas tem procurado se aproximar dos estudos de gênero a fim de oferecer uma visão mais ampla e profunda da existência social dos agentes históricos que nasceram, construíram as suas identidades, e travaram as suas diversificadas relações no Ocidente Medieval.

Não apenas os medievalistas europeus ofereceram e continuarão a fornecer novos métodos em termos de categorias de gênero, mas os medievalistas brasileiros também criaram um surto. Nas últimas duas décadas, podemos ter certeza de que uma tendência ascendente foi observada em numerosos estudos medievais em torno das categorias de gênero, e certamente reflete a discussão mais recente sobre o escopo do problema.

Embora os estudos de gênero tenham alcançado um crescimento significativo no campo do medievalismo brasileiro, é inegável que ainda existem grandes lacunas que podem ser preenchidas. Por um lado, se observamos um pequeno percurso de pesquisa e construção de tópicos de referência, por outro lado, vemos também a necessidade de alargar o enfoque a tópicos ainda não profundamente desenvolvidos.

2.1. O GÊNERO E A HISTORIOGRAFIA:

Podemos confirmar que a origem dos chamados estudos de gênero está no cerne da chamada "onda feminista". Foi durante a Revolução Francesa que as mulheres começaram a se questionar, pois os homens lutavam pela cidadania e as mulheres lutavam ao lado deles, mas a conquista política ainda não se concretizou, pois de acordo com a lei elas não eram consideradas cidadãs pela sociedade. Foi nesse período que começou a primeira onda do chamado movimento feminista.

O século das revoluções deixou este legado para a posteridade de que: as demandas das mulheres por sua própria cidadania, perceba na ação política organizada com suas próprias palavras e especificidade na luta das mulheres. Portanto, o primeiro critério desses movimentos, os chamados de “primeira onda de feminismo” apresentaram demandas para melhorar as condições de trabalho. Como salários, redução da jornada de trabalho e do estado de saúde e conquista de direitos políticos e representar os seus interesses no parlamento.

A localização do movimento político decorrente do feminismo do período denominado primeira onda, vale destacar as atuações das *suffragettes* na Inglaterra, inclusive regendo grandes manifestações e greves de fome em defesa da igualdade entre homens e mulheres em relação à direitos políticos. Essas ações resultaram em várias prisões consideradas arbitrárias. Membros do *The Women's Social and Political Party* realizavam suas reuniões desde 1903 e venceu direitos políticos somente em 1918, quando todas as mulheres com mais de 30 anos podiam votar. A partir de 1928, esse direito foi estendido às mulheres com mais de 21 anos. (LEE, 2014).

Em conjunto com a “segunda onda” que se iniciou no período pós-guerra vemos os estudos de gênero começarem a ganhar notoriedade. Novas diretrizes e surgiram com a publicação de “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, em 1949. Este texto é responsável pela repressão do feminismo europeu após a Segunda Guerra Mundial e explica como as mulheres se apresentam como "outras" em paralelo aos homens.

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos (...). A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, 1961, p. 9).

Com isso Betty Friedan (1921-2006) uma ativista feminista americana, baseando-se nos estudos de Beauvoir, desenvolve um trabalho, publicado em 1963, chamado “A mística feminina”; o trabalho traz depoimentos de mulheres da classe média nos quais mostram suas frustrações relacionadas ao seu papel como “rainha do lar”. Esse livro traz a experiência e a vivência dessas mulheres no âmbito doméstico. Outro nome importante é de Kate Millet (1934-2017) uma ativista americana que publicou o livro “Política Sexual”, no qual, fazia uma análise histórica das relações entre os sexos e da relação de poder prevalente em todas as culturas. E, na mesma época, Juliet Mitchell (1940) um psicanalista feminista, publica “A condição da mulher”, em que fazia reflexões sobre as esferas de produção da reprodução da sexualidade e da educação. (ALVES et al, 1981).

Essas obras passam a contribuir no desenvolvimento dos estudos feministas no período 1960 a 1980: o movimento passa a adquirir novas características e as reivindicações que antes eram voltadas apenas para a desigualdade de direitos políticos, trabalhistas e civis, passam também a questionar e a estudar o que causa essas desigualdades. É nessa época que é desenvolvido uma nova corrente feminista, o feminismo radical, que será comentado um pouco mais à frente.²

Com isso, podemos perceber que o movimento feminista, na segunda onda, passa a abordar pautas relacionadas à opressão da mulher, a sexualidade, a construção cultural de gênero e dominação. O discurso agora estava focado nas relações de poder entre homens e mulheres, debatendo sobre questões de discriminação, desigualdades culturais e estruturas sexistas.³

A partir da década de 1990, o movimento feminista vivenciou a chamada terceira onda; os estudos e as pesquisas feministas vão enriquecendo e o movimento começa a passar por grandes transformações. Feministas passaram a questionar o próprio movimento, percebia-se que os estudos feministas abordavam experiências que representavam apenas as mulheres da classe média e brancas. Esse questionamento marcara a terceira onda, pois é, nesse momento, que, mulheres ligadas ao feminismo, farão críticas aos estudos que caracterizaram a segunda onda. (MIGUEL et al, 2014)

² Pinto, C.R. J – Feminismo, História e Poder – Ver.Sociol.Polit., Curitiba V.18, n36, p.15-23, jun.2010.

³ Miguel, Luís Felipe – Feminismo e política: uma introdução/ Luís Felipe Miguel, Flávia Biroli-1.ed. São Paulo: Boitempo, 214.

Portanto, nas décadas de 1980 e 1990, as questões em torno das categorias de gênero se aprofundarão. Nesse sentido, devemos citar o tremendo impacto dos escritos da historiadora americana Joan Scott, especialmente, por seu artigo intitulado *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*, publicado em 1986 na *American Historical Review*.

Portanto com isso a autora traz a visão de que o gênero a partir do momento de sua publicação ganha devem ser características e fáceis e uniformes com isso facilitando-os de aplicar em métodos históricos, como por exemplo:

Um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1989, p.21).

Ainda nesse texto, ela critica as tentativas de historiadores/as de teorizar sobre gênero, pois não teriam fugido dos quadros tradicionais das ciências sociais: utilizando-se, segundo ela, de formulações antigas que propunham explicações causais universais. Essas críticas são lançadas, sobretudo, às teóricas do patriarcado e às marxistas – tanto umas como as outras partem da ideia de que na sociedade existem sempre oposições binárias (homem X mulher; branco X negro; dominador X subordinado; razão X sentimento; rico X pobre etc.). (MARQUES,2015)

Em seu argumento, Scott tentou defender como o gênero se manifestou como uma categoria operacional profunda no desenvolvimento da análise histórica. Para Scott, a categoria gênero deveria ser compreendida a partir de “duas partes e várias subpartes [que] são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas” (SCOTT, 1989, p.21).

2.1.1. FEMINISMO E ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL:

A primeira Constituição republicana brasileira, de 1891, não excluía claramente as mulheres das eleições, pois apenas dizia no “Art. 70 – São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei”. Valendo-se dessa “abertura” da Constituição, algumas mulheres recorreram à Justiça pedindo a inclusão de seus nomes na lista de eleitores, como a advogada paulistana Adalgiza Bittencourt, em 1927. O juiz, todavia, indeferiu o pedido, tendo como argumento central o fato de que “a palavra

cidadãos empregada no artigo 70 da Constituição Federal somente designa os cidadãos do sexo masculino”. A exclusão das mulheres do pleito estava relacionada a uma questão cultural e justificada pela tradição. Acreditava-se que política não era assunto de mulher e, com base nesse pensamento, os legisladores nem se preocuparam em proibir a participação feminina, visto que as mulheres não tinham sua cidadania reconhecida. (MARQUES, 2015).

Por exemplo, no campo da política reprodutiva, os anticoncepcionais chegaram ao Brasil no final dos anos 1960, o que levantou questões sobre a liberdade sexual e o prazer da mulher. Por outro lado, o movimento de descriminalização do aborto leva em conta a liberdade da mulher de determinar seu próprio corpo e seu desejo de mãe. Tem mobilizado muitas mulheres. Ainda hoje, esse é um tema muito polêmico, principalmente porque elas mencionaram aí vem o conceito religioso de "direito à vida".

Na década de 1980, a historiografia brasileira combinou os pressupostos epistemológicos da história das mulheres, mas não a reflexão de gênero. Em muitas dessas pesquisas, as mulheres aparecem nos livros de história como se suas histórias fossem separadas da história dos homens, enfatizando seu envolvimento na esfera privada.

Porém, podemos afirmar que somente nos anos 1980 e encaixando cronologicamente na “terceira onda” feminista é que iremos ter o Brasil como membro ativo dos movimentos e também dos estudos de gênero, por isso também é que observamos o caráter “Scottiano” nas pesquisas historiográficas na época, já que como dito anteriormente Joan Scott era a autora em grande ascensão nesta década.

A medievalista Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva elaborou um levantamento historiográfico em seu artigo: *Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil (1990-2003)*. Naquele momento, a medievalista em questão havia detectado a existência de “125 dissertações e teses apresentadas e defendidas em Programas de Pós-graduação em História do país entre 1990 até o primeiro semestre de 2003. Destas, somente 4 empregam a categoria gênero, perfazendo somente 3,2% do total de trabalhos” (FRAZÃO DA SILVA, 2004, p.94).

Partindo da categoria gênero proposta pela historiadora Joan Scott, a pesquisadora procurou demonstrar como:

Na primeira metade do século XIII foram estabelecidas interdições comportamentais diferenciadas para os seguidores de Francisco com vistas ao controle da prática religiosa, criando um discurso de gênero que buscava

integrar homens e mulheres em um sistema de regras construídas, assimétricas e hierarquizadas (FRAZÃO DA SILVA, 2004, p.96-97).

Em seu trabalho de coleção, Frazão da Silva constatou que "o pioneiro no uso da categoria gênero nas pesquisas de História Medieval no Brasil" (FRAZÃO DA SILVA, 2004, p.94) foi a Prof. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos, através da apresentação e posterior publicação de seu artigo *Imagens de mulheres nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250-1350)* nas Atas do I Encontro Internacional de Estudos Medievais, no ano de 1995.

Em 1999, o pesquisador Milton José Zamboni defendeu sua dissertação de mestrado com o título *O Fuero de Cuenca: uma interpretação das relações de gênero em fins do século XII*, sob a orientação da Prof. Dr. Ana Maria Alfonso-Goldfarb, no Programa de Pós-Graduação em História da Ciência da PUCSP. Em sua abordagem, Zamboni problematizou o controle do corpo na região de Cuenca aos finais do século XII, a partir de uma acurada análise dos preceitos jurídicos contidos no Fuero de Cuenca.

O advento dos anos 2000 significou, sem dúvida, a promoção da pesquisa de gênero no âmbito do Projeto de Pesquisa Medieval (PEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É claro que, no campo dos estudos brasileiros da Idade Média, a dissertação de mestrado não se desenvolveu apenas em torno de categorias de gênero. Também consideramos um grande número de teses de doutorado defendidas recentemente e outras teses de doutorado que foram totalmente desenvolvidas nos últimos anos.

Assim, em 2006, observamos a defesa da tese de doutorado *intitulada Ave Maria, Ave Senhoras de todas as Graças! Um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII*, pela Prof. Rejane Barreto Jardim. Com esta pesquisa, a pesquisadora procurou demonstrar a importância pela qual passaria a nutrir a Virgem Maria na Península Ibérica a partir do século XIII.

Quatro anos depois, em 2010, observamos a defesa da tese de doutorado intitulada *O Gênero do Adultério no discurso jurídico do governo de Alfonso X* pelo Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima. Com base na análise das leis e regulamentos de Alfonsino, o medievalista procurou questionar o discurso jurídico do adultério no Reino de Castela e Leão no século XIII em seu método através da análise das leis e regulamentos do Alfonsino, Fuero Real, Espéculo e Siete Partidas.

Podemos citar outras teses de mestrado e teses de doutorado, que são exemplos do espaço recentemente criado pelos estudos de gênero nos estudos medievais no Brasil. Com o lançamento dos métodos acima, pretendemos ilustrar os tópicos mais problemáticos com exemplos para refletir também sobre caminhos ainda não explorados.

Acreditamos que ainda existam muitos temas relacionados aos estudos de gênero no campo dos estudos medievais realizados em solo brasileiro. Nesse sentido, inúmeras maneiras podem ser fornecidas para resolver os problemas singulares da Idade Média.

Tendo em vista que a sociedade medieval é totalmente caracterizada por guerras, por que não questionar o papel das mulheres nas guerras medievais sob a orientação dos estudos de gênero?

Há muito que constatamos que o estudo da guerra e da estrutura militar medieval se tornou uma das áreas mais problemáticas não só no internacionalismo medieval, mas também no nosso país, uma área que se pretende desenvolver a partir dos campos mais vanguardistas. As características do combate até a análise dos diversos fatores históricos para a participação em tais guerras.

No entanto, essas análises são claramente destinadas a agentes do sexo masculino. Portanto, o fato é que até agora não encontramos nenhuma pesquisa que tente resolver de forma alguma a participação das mulheres na guerra medieval, de modo que uma visão completamente masculina da guerra medieval foi finalmente formada, o que em nossa opinião se torna um ponto problemático.

Reconhecemos que este é um método novo e começaremos a questionar os métodos de pesquisa que cercam as guerras medievais. Nesta perspectiva, podemos perceber não só a participação fundamental das mulheres no confronto militar, mas também os temas da ordem política do reino ibérico medieval.

2.1.2. GÊNERO E MASCULINIDADE

No ano de 2008, o medievalista Bruno Gonçalves Alvaro se lançou nos estudos das “masculinidades” na Idade Média. Dentre os trabalhos que nos serviram de embasamento para entendermos como a masculinidade era construída no medievo e que tipo de masculinidade era essa, ganhou-se destaque a sua dissertação de mestrado intitulada *A construção das Masculinidades em Castela no Século XII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos* (2008).

Alvaro tem como uma das bases teóricas principais em seu trabalho, a historiadora estadunidense já citada acima Joan Scott. Segundo ele:

Gênero” foi o termo escolhido e extraído, segundo Scott, tanto da Gramática quanto dos estudos sociológicos sobre os papéis masculinos e femininos designados nas sociedades, e passou a ser usado, então, para teorizar, inicialmente, a questão da diferença social em contraste com as conotações físicas (ALVARO, 2008, p. 20).

Posteriormente, Alvaro realiza comparações entre os personagens masculinos dos dois poemas, os inserindo no contexto histórico da Sociedade Senhorial Ibérica do século XIII, apresentando suas conclusões sobre a masculinidade medieval e como seria para aqueles autores eclesiásticos o homem ideal medieval, esta parte é de suma importância à nossa pesquisa, pois conseguimos chegar a algumas correlações com ela.

Segundo ele:

Observaremos, ainda, que as demais masculinidades encontradas nos documentos tentam a todo custo se aproximarem daquelas que são idealizadas pelos autores e elaboradas a partir dos valores por nós destacados no desenvolvimento da pesquisa, a saber: lealdade, probidade, correção, coragem, bravura, sobriedade, perseverança, ser bom cristão, defender os mais fracos (no caso a Igreja e as mulheres), lutar contra os mouros, etc. (ALVARO, 2008, p.129).

Com este texto podemos observar o caráter guerreiro no medievo e de como esta masculinidade está voltada para guerra e também para a igreja.

Sobre gênero e masculinidade muitos textos poderiam ganhar destaque e entre eles podemos citar: Masculinidade na História: A construção cultural da diferença entre os sexos (2000) de Sergio G. Silva, que faz um aparato da categoria “homem” como sexo biológico e de como o conceito de masculinidade foi variando ao longo dos anos, e também como as discursões sobre gênero foram ganhando importância. Outro texto que também teve destaque nesta leva é o da autora Joan Scott.

Pedro Paulo de Oliveira em seu livro A construção social da masculinidade nos mostra no decorrer do seu livro o modo como a masculinidade ao longo dos anos foi se modificando e de como este conceito foi transitando e se diluindo:

Assim como nada na história é fruto de apenas uma causa simples e imediata, penso que a emergência de algo como um ideal de masculinidade no Ocidente como autenticamente masculinos só pode ser o resultado de complexas elaborações culturais. (OLIVEIRA,2004, P.19)

O autor nos diz que a masculinidade vai depender do contexto, e como o próprio título de seu livro fala, a masculinidade é uma construção de tempo e espaço, ela vai variando conforme o cenário no qual o indivíduo está inserido.

Acreditamos que há um leque de temáticas ainda bastante amplo a ser explorado frente aos Estudos de Gênero no campo dos estudos medievais efetuados em solo brasileiro. Nesse sentido, inúmeros poderiam ser os enfoques oferecidos a questões bastante características da Idade Média.

Primeiramente realizando a revisão bibliográfica dentro do tema de masculinidades, fizemos está tabela para enumerar alguns dos trabalhos realizados dentro do tema de nossa pesquisa, deixando de lado trabalhos que serviram como base metodológica que iram ser citados ao longo deste trabalho.

ACESSO	NÃO ACESSO
Lima, Marcelo Perreira. <i>Duelo de masculinidades: gênero, casamento e adultério clerical no reino de Leão e Castela, Século XIII</i> . Revista Crítica Histórica , nº 7, p. 155-183, 2013.	Freire, Ana García-Mina. <i>Desarrollo del género femenino y la masculinidad</i> . Spain, 2003.
L. Ramírez, Rafael; García Toro, Víctor I. <i>Masculinidad hegemónica, sexualidad y transgresión</i> . Centro Journal, vol. XIV, núm. 1, pp. 5-25. The City University of New York. NY, Estados Unidos, 2002.	Garland, Lynda. <i>Byzantine Women: Varieties of Experience 800-1200</i> . Publications for the Centre of Hellenic Studies, King's College London, 2006.
Tougher, Shaun. <i>The Eunuch In Byzantine History And Society</i> . This edition published in the Taylor & Francis e-Library. New York, NY, 2008.	James, Elizabeth. <i>Women, Men and Eunuchs: Gender in Byzantium</i> . 1st Edition. London, 1997.
STEWART, M. <i>The Soldier's Life: Early Byzantine Masculinity and the Manliness of War</i> . Βυζαντινά Σύμμεκτα, 26(2), 11-44. 2016.	Hatzaki, Myrto. <i>Beauty and the Male Body in Byzantine Art: Perceptions and Representations in Art and Literature</i> . Published Hardcover. 2009.

3. UMA POSSÍVEL PROPOSTA DE CONCEITO DE MASCULINIDADE PARA A IDADE MÉDIA:

A obra que analisaremos é intitulada: *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, esta produção de natureza socioantropológico, o autor Miguel Vale de Almeida analisa as contextualizações dos distintos ângulos da personalidade masculina e suas relações entre os gêneros. Visando que, a partir da hegemonia, a relação entre os gêneros se embasa num advento classificatório, politicamente apto como instrumento ideológico para a legitimação da dominação de um gênero sobre o outro. O autor admite que o feminismo é um marco. Um marco na história nova, especificamente na história do pensar antropológico. Ao dispor dos moldes sobre família, casamento, gênero e relação entre homens e mulheres, obrigará a antropologia a revisar alguns de seus conceitos mais famosos e implantar recursos teóricos mais adequadas a essa inovação global.

Vale de Almeida empregou a antropologia de gênero para trazer a atenção para o lapso de pesquisas sobre gênero, sobretudo masculinidade. O seu estudo foi efetivado na aldeia de Pardais, no Alentejo (Portugal), e o seu fundamental objetivo foi colaborar para suprir esta lacuna. Durante isso, mudou-se para uma casa na aldeia e passou a comparecer aos afazeres formais de homens adultos para analisar seus valores, costumes e discursos e, aos poucos, esclarecer as leis e regulamentos relativos a normas e réplicas. Ele chamou isso de identidade masculina hegemônica.

A quimera fundamental do livro é que a analogia entre os gêneros será assimétrica e hierárquica no contexto, ou seja, se as diferenças de gênero podem ser entendidas como categorias que podem dar algum sentido à existência (pessoas, coisas, atividades) O princípio é que também é possível ser politicamente certo como meio ideológico de legitimar o domínio de um gênero sobre outro. Por exemplo, esse uso de diferenças de gênero os aproximará das diferenças de classe e idade.

Enquanto modelo ideal, a masculinidade hegemônica exerceria controle sobre o processo de constituição das identidades masculinas, sendo ela própria, como todo modelo, realizável apenas parcialmente. À questão sobre os modos de reprodução desse modelo, Vale de Almeida responde com o conceito de *habitus*, de Bourdieu, propondo que a teoria da prática seria uma alternativa promissora para a solução de alguns problemas nesse campo.

O livro, segundo o próprio autor, está disposto em capítulos mais ou menos separados, tratando de distintos ângulos da identidade masculina hegemônica e das relações entre os gêneros em Pardais - uns com um prisma mais etnográfico, outros de interesse mais teórica. Alguns momentos que merecem destaque : a análise do universo social do trabalho nas pedreiras, no capítulo 2; o capítulo três que podemos destacar de grande importância para nossa pesquisa que será explorado e analisado mais adiante pois se trata de uma análise de sexo e gênero que vai da Antiguidade, Cristianismo até o começo da Idade Moderna; a leitura do ritual da tourada como um texto sobre a, e uma performance da masculinidade hegemônica, no capítulo 6; e, finalmente, a análise da poesia popular, as décimas, como modo legítimo de expressão de emoções femininas pelos homens, seus principais produtores e divulgadores, no capítulo 7.

Ao final do trabalho de Vale de Almeida, ele recorreu a importância para a dificuldade de pesquisar em torno de objetos como procedimentos mesclados (exemplos) - por aceitação, esses comportamentos são importantes para os atores sociais é inconsciente - e como você, pelo menos a parte que envolve usar uma interpelação baseada em metodologia trata de histórias de vida, então o narrador constantemente a redesenha ao longo de todo o processo de trabalho de campo.

3.1. O CONCEITO DE MASCULINIDADE NA IDADE MÉDIA:

O autor trabalha com um conceito de masculinidade, que apesar de ter sido criado na contemporaneidade é bastante útil para nosso trabalho:

O trabalho que aqui apresento tem como hipótese central que a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser. (ALMEIDA,1995, pag:6)

No trecho destacado Vale de Almeida está apresentando a tese central de sua pesquisa, que é o conceito de masculinidade hegemônica, esta masculinidade que é um modelo a ser seguido por todos os homens e que mostra o seu poder diante dos mesmos. O modelo de homem a ser seguido por todos, que é tão cheio de complexidade e perfeição

que se pode dizer impossível de se encontrar. Na Idade Média tínhamos este modelo bem detalhado e exemplificado na figura do monarca, o rei era e deveria sempre ser o homem ideal e deter todos os atributos a ser seguido, como pode exemplificar o historiador já citado nesta pesquisa Bruno Gonçalves Alvaro:

Observaremos, ainda, que as demais masculinidades encontradas nos documentos tentam a todo custo se aproximarem daquelas que são idealizadas pelos autores e elaboradas a partir dos valores por nós destacados no desenvolvimento da pesquisa, a saber: lealdade, probidade, correção, coragem, bravura, sobriedade, perseverança, ser bom cristão, defender os mais fracos (no caso a Igreja e as mulheres), lutar contra os mouros, etc. (ALMEIDA, 1995, pág: 129)

Tantos adjetivos que são quase impossíveis de serem alcançados e que na verdade nem deveriam ser alcançados, o único homem que poderia deter tanta honra e adjetivação não deveria ser ninguém menos que o rei, a quem Deus determinou a missão de governar o povo em nome dele e que já nasce predestinado a ser governante.

Outra questão pertinente sobre masculinidade é: A masculinidade é construída ou imposta? A resposta para esta pergunta é simples, ambos. A masculinidade foi e é construída por séculos, e é imposta pela sociedade. Mais adiante veremos formas de dominação impostas pela sociedade na masculinidade. A masculinidade é construída no trabalho, na vida social e nas interações humanas. No Medieval quando pensamos em um modelo de masculinidade ideal, além do monarca, temos o cavaleiro medieval, a guerra como sabemos era um fator de suma importância na sociedade.

No Capítulo III, o autor vai nos apresentar uma descrição da Antiguidade, do Cristianismo e dos começos da Modernidade ao plano dos valores centrais do sexo e do gênero e das argumentações que sobre eles se faziam. Pressuposto, está uma pesquisa histórica que possa fixar o presente etnográfico em continuidade e divisão com o passado.

“Como veremos mais a seguir, além da presença feminina, como antes dito, ser escassa, quando a voz é dada às mulheres, as mesmas são representadas como frágeis, indefesas e sempre rogando a Deus em orações.” (ALVARO, 2008, pag:79)

Um dos trechos que podemos destacar de grande importância para nosso trabalho é quando Vale de Almeida usa a Gênese e o mito da criação do homem e da mulher para mostrar a relação do medieval com os gêneros e o porquê da submissão feminina ser justificada.

No mito fundador temos inscrita uma relação hierárquica entre homem e mulher; uma definição do primeiro como superior, mas condenado ao

sacrifício do trabalho, da transformação da natureza, por ter sucumbido à sua parte feminina (já que saída de si, e invertendo assim a consciência empírica de o homem nascer da mulher); e a mulher condenada à obediência ao homem e definida pela sua função reprodutiva. A expulsão do paraíso, que pode ser interpretada como fundação da vida em sociedade, assenta em razões sexuais. A sociedade nasce com a divisão sexual e, na linguagem de hoje, com a definição de dois géneros. O medieval vai seguir esta ideia retirada da Bíblia. As grandes mudanças que se verificaram com a sociedade moderna no campo da sexualidade e dos géneros foram igualmente mudanças na interpretação do corpo, do sexo, da reprodução, da identidade individual e das emoções. Foram, sobretudo, resultado da laicização e substituição da religião pela ciência como modelo interpretativo e explicativo do mundo e da sociedade. (ALMEIDA,1995, pag:46).

Como se sabe a Idade Média foi o período histórico onde a Igreja Católica obtinha o controle social inclusive acima do rei, então os comportamentos e atitudes tomadas giravam em torno da fé cristã e dos ensinamentos e justificativas retiradas da bíblia, vale ressaltar também que o Antigo Testamento era o evangelho mais utilizado pelo clero em seus sermões.

Se, para Platão, o corpo era um túmulo, para São Paulo, como se viu, era o templo do Espírito Santo; se para os Estoicos era um cadáver, para os Cristãos era ao mesmo tempo físico, espiritual e místico. Mas São Paulo, no fundo, dá uma dupla mensagem: o corpo deve ser punido, mas deve ser, sobretudo, honrado. Esta dupla mensagem provocou um corte na Igreja inicial entre ascéticos e moderados (Synnott 1992). As posições ascéticas estão na base das noções de martírio, virgindade e celibato, e ainda nas de monasticismo. Santo Agostinho viria a reconstruir este dualismo ao enfatizar a vontade mais do que a carne no estabelecimento das escolhas morais; e, na Idade Média, São Tomás não odeia claramente o corpo (ao contrário de São Francisco, por exemplo), mas tenta criar uma nova síntese: a unidade de corpo e alma, de forma e matéria, a imortalidade da alma e a ressurreição do corpo.” (ALMEIDA,1995, pag:48)

A ideia de que o corpo é um templo sagrado, por isso a preservação da pureza através da virgindade e o sexo só ser permitido para fins de reprodução, Paulo vai repudiar a fornicação e a sodomia e suas ideias iram ser acatadas pela Igreja.

A mulher dita como um objeto de pecado, na Bíblia temos Eva como sendo quem conduz Adão ao pecado, a mulher era a extensão do homem e por isso sua submissão justificada. Em termos de masculinidade temos o homem de fé que é o dominador, o qual vê na masculinidade ideal um modelo a ser seguido.

A sexualidade masculina torna-se assim um sinal de uma animalidade que não conseguimos deixar para trás. São as mulheres, definidas por Rousseau como criaturas sexuais, que são vistas como agentes de

tentação, levando os homens a saírem dos caminhos da razão e da moralidade (Seidler 1987:87).” (ALMEIDA,1995, pag:53)

Álvaro e Vale de Almeida discordam em uma questão que é bastante polêmica: A masculinidade medieval é cunhada através das praticas sexuais ou da sexualidade?

“O comportamento de gênero foi definido em relação às práticas sexuais corretas: ser um homem normal é ser um heterossexual. A divisória fundamental durante a maior parte da era Cristã tinha sido, diferentemente, entre a sexualidade reprodutiva e a não-reprodutiva.” (ALMEIDA,1995, pag:57)

Para Vale de Almeida o comportamento do indivíduo medieval vai ser definido pela sua sexualidade, que para o autor não vem de forma natural e é imposta pela sociedade, para o autor a masculinidade hegemônica vai partir do pressuposto da heterossexualidade.

Suas masculinidades são cunhadas não na sexualidade, na presença ou não do casamento e da castidade, mas na forma como suas atividades são exercidas, com honra, coragem, fidelidade, bondade, etc.” (ALVARO, 2008, pag:96).

Alvaro tem um olhar além do sexo, as masculinidades são moldadas através do comportamento do indivíduo, através de suas praticas e do modo como ele vais e encaixar nos valores ideias ditas como necessárias para o homem se enquadrar no ideal medieval. Masculinidade ideal é independente ser sexuado ou não, honra e coragem acima de tudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Buscando encontrar conclusão às questões e casualidades iniciais, é possível evidenciar alguns pontos que se sobressaem desta pesquisa. Primeiramente sabemos que os movimentos feministas foram de suma importância para as pesquisas de gênero, pois foram através da busca de direitos femininos com as sufragistas que temos as primeiras publicações de textos e livros voltados para este tema. No Brasil o gênero só entra em pauta posteriormente mais ou menos em 1960-1980 e com isso as pesquisas aqui foram posteriores a toda Europa.

O gênero e a Idade Média só vão se fundir em 1990, principalmente em pesquisas na UFRJ que ainda hoje é um centro de referência em pesquisas de gênero no medievo, importante frisar o caráter Scotiano da maioria dos trabalhos que são realizados na universidade em questão.

Segundo a medievalista Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, quando indagada sobre as suas expectativas para a ampliação das relações entre os Estudos de Gênero e a Medievalística Brasileira:

A união entre os Estudos de Gênero e a Medievalística ainda irá render muitos frutos acadêmicos no Brasil. Aposto não só numa expansão numérica, mas na qualidade das análises. Para viabilizar as pesquisas, creio que é importante dar continuidade aos trabalhos já realizados, como organizar Simpósios Temáticos em eventos acadêmicos; congregar os pesquisadores em grupos de pesquisa; manter o diálogo com estudiosos de outros períodos históricos e de outras áreas do conhecimento, tanto do Brasil quanto do exterior; formar novos pesquisadores; divulgar os resultados de pesquisa utilizando diversos suportes, como sites, artigos, livros e em congressos (FRAZÃO DA SILVA apud LIMA, 2016, p.146-147).

Nossa pesquisa vai se afunilar na categoria gênero e entrando na ramificação que são as pesquisas voltadas para masculinidade, neste tema fazendo um pequeno levantamento observamos o quão pouco é explorado. Escolhemos um autor para fazer uma análise do seu livro que foi Miguel Vale de Almeida e um autor medievalista que foi Bruno Gonçalves Alvaro para se contrapor ou se completarem entre si, de ambos retiramos seus conceitos chaves sobre masculinidade.

Miguel Vale de Almeida apesar de não ser medievalista vai usar o espaço de quase um capítulo inteiro de seu livro para ilustrar a masculinidade medieval e com isso observamos que o homem ideal medieval dele e o do Bruno Alvaro se iguala em muitas questões. Já que concluímos que o homem ideal para a idade média deveria ser detentor de alguns adjetivos bem específicos que citamos na nossa análise como lealdade, bravura, coragem e entre outros.

E por fim gostaríamos de enfatizar a deficiência de pesquisas sobre o tema masculinidades, e como isso está alterando-se aos poucos, acreditamos que ainda existem diversos temas relacionados aos estudos de gênero no campo dos estudos medievais que devem ser executados na Medievalística Brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Nova edição [online]. Lisboa: Etnográfica Press, 1995 (@CONSULTE_LE 23 março 2018). Disponível em Internet: <<http://books.openedition.org/etnograficapress/459>>. ISBN: 9791036511288. DOI: 10.4000/ books. etnograficapress.459.

ALVARO, Bruno Gonçalves, *A construção das Masculinidades em Castela no Século XII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos*. – 2008. 174 p. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ANDREW, Tolson, *Os limites da masculinidade* [tradução: Miguel Serras Pereira] Lisboa, 1983.

BITENCOURT, Silvana M. *Gênero e educação: diferença sim! Desigualdade não!* In: JESUS, Danie M; CARBONIERI, Divanize; NIGRO, Cláudia (orgs.). *Estudos de gênero: identidades, discurso e educação – homenagem a João W. Nery*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Tradução Guaciara Lopes Louro. 1ª ed. Nova York: Routledge, 1990.

CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica*. Cadernos Pagu, Campinas, SP: Ed. da Unicamp, n. 4, p. 37-47, 1995.

FLAX, Jane. *Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina. *Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003)*. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 87-107, 2004.

Guerra, V. M., Scarpati, A. S., Brasil, J. A., Livramento, A. M. do, & Silva, C. V. *Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra*. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro; 2004.

JARDIM, Rejane Barreto. *Ave Maria, ave senhoras de todas as graças!: um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, 2006.

JESUS, Cassiano Celestino de; ALVARO, Bruno Gonçalves. *(Des)Problematizando a Idade Média: Reflexões Sobre a Perspectiva do Gênero na Medievalística Brasileira*. Revista Expedições. Morrinhos/go, p. 17-35. maio 2018.

LIMA, Marcelo Pereira. *O gênero do adultério no discurso jurídico do governo de Afonso X (1252-1284)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010

MARQUES, Ana Maria. *Feminismos e gênero: uma abordagem histórica*. Revista *Trilhas da História*. Três Lagoas, v.4, n.8, jan-junho, 2015, p. 6-19.

OLIVEIRA PP. *A construção social da masculinidade*: Editora UFMG/Rio de Janeiro:

PEDRO & PINSKY (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa*

Santa Cruz do Sul, 2004,238 p.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*. New York, Columbia Scott. Cadernos Pagu, Campinas, n. 3, p. 63-84, 1994.

SHPUN. Mônica Raisa. *Masculinidades*. (org). Biotempo Editorial-Edunisc, São Paulo-

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Reflexões metológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero*. Revista de História 6, 2008.

SILVA, Sergio G. “*Masculinidade na História: A construção cultural da diferença entre os sexos.*” / Psicologia Ciência e Profissão, 2000, 8-15 pp.

TILLY. Louise A. *Gênero, história das mulheres e história social*. Artigo publicado com o título: "Genre, histoire des femmes et histoire sociale", Gèneses2. 1990, p. 148-166. University Press. 1989.